
V Jornada de Teologia Prática

14 de novembro de 2014

Auditório Cardeal Medeiros

«Abrirei a minha boca em parábolas»

AS INTRIGANTES LINGUAGENS DA FÉ

10.40 – A PELE DO CRER: PARA UMA FÉ SENSÍVEL

LUÍSA ALMENDRA (Faculdade de Teologia - UCP)

«Crer e amar no Livro do Cântico dos Cânticos»



Beija-me com os beijos da sua boca (*יִשְׁקֵנִי מִנְּשִׁיקוֹת פִּיהוּ*) (Ct 1,2), começa assim a letra e a viagem do Cântico dos Cânticos, o cântico de excelência de toda a Escritura. Neste começo traça-se um rumo que se dirá com palavras inesperadas e surpreendentes, num contexto de Revelação Bíblica, e lavra-se um canto que sugere o desejo de colocar tudo o que é dito sob a proteção singular e suprema da prece do amor. Porém, como desvendar o segredo desta excelência, quando este cântico não é o único lugar da Revelação Bíblica a oferecer uma linguagem humana apadrinhada pelo dinamismo do amor e da relação? Na verdade, situam-se neste mesmo horizonte as palavras da profecia de Oseias (1-3) e de Jeremias (7,34; 16,9; 25,10;31,4; 33,10-11); as palavras do Sl 45 considerado uma *versão brevis* do Cântico dos Cânticos; ou o admirável poema da mulher forte, inteligente e fascinante, do final do Livro dos Provérbios (Pr 31,10-31).

Um paralelo interessante é aquele que se estabelece com as **palavras do primeiro homem à primeira mulher** do Livro do Génesis – *Então, o homem exclamou: Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher* (*אִשָּׁה*),

visto ter sido tirada do homem! (פִּיִּי) (Gn 2,23). Na exclamação do homem os exegetas vêm desenhar os primeiros contornos do dinamismo de amor e de relação, constitutivos da paisagem soberba do Livro do Cântico dos Cânticos. Um outro paralelo, igualmente curioso, é aquele que adivinha uma espécie de arco teológico entre as palavras do Cântico com as últimas palavras do Livro do Apocalipse. Desta vez, com as palavras de **uma mulher a um homem: O Espírito e a esposa dizem. Vem!** (Ap 22,17).

No entanto, embora relevantes, na sua beleza e nos seus corolários, estes paralelos serão sempre vencidos pelo encanto singular das palavras do Cântico dos Cânticos. Este livro, bem situado no centro das Escrituras, **corporiza uma admiravelmente unidade** entre as palavras de um homem a uma mulher (*Levanta-te! Anda, vem daí, ó minha bela amada!* Ct 2,13) com as de uma mulher a um homem (*Eu pertenço ao meu amado, e o seu desejo impele-o para mim. Anda, meu amado, corramos ao campo, passemos a noite sob os cedros!* Ct 7,11-12).¹

Na Tradição Judaica, o Cântico dos Cânticos foi lido como uma alegoria da relação amorosa entre Deus e o seu Povo. As palavras do Cântico dos Cânticos alegram a celebração da noite de Páscoa e, em alguns meios judaicos, o próprio *Shabbat*.² Ali, no momento em que Israel celebra a libertação de uma imensa opressão, Deus é o amado que salta nos cimos das montanhas, o representante do Messias, o novo Moisés.³ Na tradição cristã, este amado foi, invariavelmente, identificado com Cristo, na sua relação com a Igreja ou com o crente.⁴ Atualmente, estas transposições alegóricas têm sido revisitadas e questionadas à luz do verdadeiro propósito das palavras do Cântico. Alguns sugerem uma leitura literal que enverede pelos dinamismos de uma antropologia humana do amor. Uns sublinham a dimensão da estrutura dialógica do livro, nomeadamente o seu jogo de ecos e respostas entre um homem e uma mulher, a quem o anonimato confere um caráter genérico. Outros insistem no elemento lírico e metafórico, omnipresente em todo

¹ Cf. Também as inúmeras metáforas e imagens alusivas a um diálogo humano amoroso que percorrem a linguagem profética.

² Cf. Ed. et trad. Inglesa da *Melkhita De-Rabbi Ishmael* (J.Z. LAUTERBACH) (The Jewish Publication Society of America, Philadelphia 1933).

³ Cf. Cf. Homilias da *Pesikita de Rav Kahana e Pesikita Rabbati*, in W.G. BRAUD, *Discourses for Feast, Fast and Special Shabbats* (Yale University Press, New Haven 1968) 58.

⁴ Cf. *Homélie d'Origène* ; JEAN de la CROIX, *Cantique spirituel*.

o Cântico. Outros, ainda, sublinham o aspeto enigmático de um texto que se apresenta como uma espécie de *mashal* trespassado pelos temas sapienciais do amor e da relação entre o homem e a mulher. A palavra humana de um homem a uma mulher e de uma mulher a um homem é assumida como uma chave de Revelação e de entendimento das Escrituras. Uma espécie de chave mestra perdida e reencontrada, que nos aclara os dinamismos do crer e do amar⁵. Imagino que, perante este Cântico, todos os leitores crentes têm inúmeras perguntas a fazer:

Como é que isto é possível? Como é que um livro, aparentemente o mais profano de todos os livros bíblicos – pelo seu tema e pela ausência quase total a qualquer referência religiosa – se pode assumir como uma chave que nos abre a porta do entendimento das Escrituras e o sentido profundo do *crer e do amar*? Como é que este texto, onde se articula um diálogo amoroso entre um homem e uma mulher, se presta à articulação de um diálogo entre Deus e o ser humano?

Sem qualquer pretensão de oferecer uma resposta última sobre estas questões, sugiro uma releitura do Cântico como *uma porta que nos aclara o invisível; um espelho do que nós somos; um eco do ‘amor’ que precede e redime todos os amores*.

Uma porta que nos aclara o invisível

O título do poema *Cântico dos Cânticos de Salomão* (שִׁיר הַשִּׁירִים אֲשֶׁר לְשֹׁלֹמֹה) Ct 1,1) – estabelece literalmente uma relação com a figura histórica de Salomão, remetendo-nos, para o horizonte peculiar da sabedoria bíblica, como espaço do debate veemente e da procura demorada de Deus. Este horizonte sapiencial abre-se à sonoridade da forma poética do texto, onde tudo é equacionado dentro e para além do puro e simples. No âmago da sabedoria e da poesia bíblica, sussurrada em diálogos e monólogos, somos convidados a escutar os sons do sonho e da realidade, onde o amor de um homem e de

⁵ Cf. J.-P SONNET, «Le Cantique, entre érotique et mystique : sanctuaire de la parole échangée», *NRT* 119 (1997) 481.

uma mulher se dizem sob a forma de uma parábola poética que se oferece à nossa perspicácia.⁶

De facto, as Escrituras estão atravessadas por diálogos e monólogos. No entanto, são sempre diálogos situados no seio de uma narrativa englobante, onde aqui e ali, emerge um narrador que preside à narração. Um exemplo, relevante neste âmbito sapiencial, é o caso do Livro de Job, onde todos entramos pela mão de um narrador que nos diz: «Vivia na terra de Uz um homem chamado Job...» (Jb 1,1). Não é este o caso do Cântico dos Cânticos, onde o diálogo não aparece introduzido ou cadenciado por um narrador. Ninguém nos diz: «Ele disse...» ou «Ela respondeu...». Ninguém nos informa quando ou mesmo se essas palavras foram pronunciadas. Nós somos conduzidos na leitura sem mediação alguma e uma vez ultrapassado o limiar do título encontramos-nos expostos a palavras vivas, que não podemos neutralizar, dizendo que pertencem a esta ou àquela personagem da história bíblica. É neste lugar da palavra humana e real que inesperadamente o diálogo amoroso entre um 'eu' e um 'tu' se tornam uma porta que nos abre ao que é invisível aos olhos, mas tantas vezes visível ao coração.⁷

A palavra, mas também, a atração que impele os interlocutores do Cântico dos Cânticos um para o outro é igualmente determinante para a diferença que sela o seu diálogo. A sua união realiza-se a um nível poético, nas metáforas que eles inventam um para o outro e um sobre o outro.⁸ Não estamos no mesmo nível de discurso, em que se situa Adão quando oferece um nome aos animais mudos (cf. Gn 2,20). O Adão e a Eva do Cântico dos Cânticos dão a si mesmos nomes de animais. Ele diz: «A uma égua entre os carros do Faraó eu te comparo, ó minha amiga» (Ct 1,9); «Minha pomba, nas fendas do rochedo, no escondido dos penhascos, deixa-me ver o teu rosto, deixa-me ouvir a tua voz. Pois a tua voz é doce e o teu rosto, encantador» (Ct 2,14). Ela responde: «O meu

⁶ Cf. R.J. TOURNAY, *Quand Dieu parle aux hommes le langage de l'amour. Études sur le Cantique des Cantiques* (Cah.Bib. 21 ; Gabalda ; Paris 1982) 9-29.

⁷ Cf. Fr. ROSENZWEIG, *L'étoile de la rédemption* (Paris 1982) 238 : «...il n'y a qu'un bref passage 'où le Je demeure silencieux - «le seul instant d'objectivité, la seule fondation» - qui est celui des paroles sur l'amour fort comme la mort (Ct 8,6-7)».

⁸ Cf. J.-P SONNET, «Le Cantique, entre érotique et mystique : sanctuaire de la parole échangée», *NRT* 119 (1997) 489.

amado é semelhante a um gamo ou a um filhote de gazela. Ei-lo que espera, por detrás do nosso muro, olhando pelas janelas, espreitando pelas frinchas» (Ct 2,9). Aqui a linguagem constrói-se num face a face, vital no diálogo amoroso.⁹ Na simetria deste diálogo, cada um se recebe da palavra do outro. Cada um é criador e pessoa, sem uma qualquer vantagem ou supremacia sobre aquele diante de quem está.¹⁰ Neste diálogo, não há lugar para dominação ou subordinação, nem qualquer estereótipo sobre um ou o outro sexo.¹¹ Este diálogo amoroso emerge como um santuário de liberdade, onde os que se amam se expressam através de metáforas vivas e figuras inéditas. Amam-se numa atmosfera de liberdade e de igualdade, de um face ao outro, de um para o outro, num amor onde o carnal é espiritual e o espiritual é carnal, deixando à visibilidade das palavras a possibilidade de ser porta que nos aclara a invisibilidade de um amor que sustém e impele.

Um espelho do que somos

Desde o início até ao fim da leitura, as palavras do Cântico dos Cânticos conduzem-nos pelas vielas de **uma espantosa parábola que espelha o que nós somos**: homens e mulheres, criados à imagem de Deus (Cf. Gn 1,27). As palavras do Cântico tornam-se um incomensurável enigma que anuncia e solicita um outro enigma: o insondável mistério da diferença entre Deus e o todo o ser humano, onde o homem e a mulher criados à sua imagem e semelhança, não são deuses nem como Deus: (*Tu imaginas que eu seja como tu?* Sl 50,21). É precisamente neste lugar da irreduzível diferença que se expressa uma espantosa união; a palavra da Revelação desdobra-se num excesso de metáforas e a Fé e a união com Deus dizer-se, também, na forma mais concisa de sempre: *Eu sou para o meu amado e meu amado é para mim* (Ct 2,16; 6,3).¹²

⁹ Cf. X. LACROIX, *Le corps de chair. Les dimensions éthique, esthétique et spirituelle de l'amour* (Paris 1992) 37-42.

¹⁰ Cf. Th. TRIBLE, *God and the Rhetoric of Sexuality* (Fortress Press; Philadelphia 1978) 160.

¹¹ Cf. M. FALK, *The Song of Songs* (Harper; San Francisco 1990) 118: «Le langage des deux voix, féminine et masculine, du Cantique, aussi riches, sensuelles, expressives d'émotion et enjouées l'une que l'autre... témoigne d'une culture non sexiste, non hiérarchisée – fait unique dans la Bible.»

¹² Cf. A.-M., PELLETIER, *Lecture du Cantique des Cantiques. De l'énigme du sens aux figures du lecteur* (AB 121 ; PIB, Rome 1989) 368-390.

Estas palavras fazem com que este livro, normalmente fora do centro material da nossa atenção, constitua um extraordinário centro simbólico, onde o enigma que se propõe coincide com o enigma de toda a Escritura. O diálogo amoroso do Cântico é na verdade o de um homem e de uma mulher, espelho do que nós somos. Porém, no drama e na felicidade humana de uma existência dialogada, *este diálogo propõe-se, também, como o espelho de toda a Escritura; palavra e existência dialogada entre Deus e o ser humano*. Num diálogo que une a diferença entre um «tu» e um «eu», masculino e feminino, o Cântico dos Cânticos articula as palavras de uma *aliança* e de um *amor* transversal e fundante de toda a Escritura.

Eco do ‘amor’ que precede e redime todos os amores

Se é verdade que podemos reencontrar no Cântico dos Cânticos um eco às palavras de encanto de Adão perante Eva (Gn 2,23), é a própria narrativa bíblica que, na sua continuidade, nos alerta para as dimensões da inconstância e da fragilidade deste encanto humano (Gn 3). Por isso, a pergunta: mesmo que o Cântico dos Cânticos nos remeta, apenas, para a realidade de um simples amor humano, quem ama como se ama no Cântico dos Cânticos? Ninguém! Somos tentados a responder! Ninguém, senão o *Deus da aliança*; ninguém senão o *amor* que precede todos os amores.¹³ Percebemos, então, que *o amor humano cantado nas palavras do Cântico dos Cânticos transporta no seu âmago a linguagem de uma aliança e do amor que redime e precede todos os amores*. Nesta compreensão, a linguagem literal do amor humano adensa-se e plenifica-se, tornando-se síntese do humano e do divino. A mesma síntese que em Cristo une a humanidade e a divindade, revelando, simultaneamente, o Deus e o ser humano. Este entrelaçamento de amores (divino e humano) é um dado intrínseco e transversal a toda a Revelação Bíblica.¹⁴ Nesta Revelação, o Livro do Cântico dos Cânticos encontra o seu lugar ímpar e distinto, porque nos canta um amor entre o homem e a mulher, capaz de evocar simultaneamente o amor e relação entre Deus e Israel, Cristo e a Igreja.

¹³ Cf. G. CASALIS – H. GOLLWITZER – R. de PURY, *Un chant d’amour insolite : le Cantique des Cantiques* (Desclée de Brower 1984) 16-18.

¹⁴ Cf. os textos dos profetas Oseias e Isaías.

Arrebatados pela polifonia do humano e divino do Cântico, somos levados a dizer como Paulo: *é grande este mistério* (Ef 5,32). É insondável o plano de Deus sobre a existência humana e o amor com que ele cobre toda a humanidade.¹⁵ É misterioso este amor que precede todos os amores.¹⁶ O amor que salva está perto do amor que é salvo; proximidade que não permite colocar-se um face ao outro, ou um contra o outro, porque que ambos – amor divino e humano – existem para ecoar conjuntamente.

Para judeus e cristãos, Deus terá sempre os contornos do amado que pergunta continuamente, *Quem é essa que sobe do deserto, encostada ao seu amado?* (Ct 8,5), e será sempre um Deus que pede incessantemente: *Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor, implacável como o abismo é a paixão; os seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas...* (Ct 8,5-6). Um Deus que se revela no mais profundamente humano e que se vela num amor *forte como a morte*, porque capaz de dar-se e de morrer pela pessoa amada. O crer e o amar, segundo o livro do Cântico dos Cânticos, habitam na harmonia que conseguimos ou não estabelecer entre as palavras que se dizem sobre a verdade da relação entre o homem e a mulher e a verdade que assumimos da relação de Deus com toda humanidade, recriada segundo o seu coração. É verdade, que nós, os leitores modernos, somos mais sensíveis hoje a uma dimensão antropológica, minimizada pelas primeiras interpretações alegóricas do judaísmo e cristianismo. Parecemos mais aptos a entender que não existe uma negligência do divino só porque nos detemos no humano da Palavra. Aceitamos, efetivamente, que as palavras humanas do Cântico constituam um lugar teológico. Porém, nem sempre estamos conscientes de que o modo como lemos os cantos, de amor maravilhado do amado e da amada, é determinante no modo como percebemos a unidade

¹⁵ Cf. A.-M. PELLETIER, *le Cantique des Cantiques* (Cah.Bib. 85 ; Cerf ; Paris 1993) 60.

¹⁶ Cf. G. CASALIS – H. GOLLWITZER – R. de PURY, *Un chant d'amour insolite : le Cantique des Cantiques* (Desclée de Brower 1984) 21-22 : «C'est vraiment ainsi que le Dieu vivant aime son peuple, qu'Israël connaît et reçoit son Seigneur : dans cette nouveauté, cet émerveillement, cette vigueur jamais usés, comme au premier jour, comme au lendemain de la mer Rouge, de Pâques ou du Baptême. Pas plus qu'il n'y a d'installation dans l'amour véritable, il n'y a d'accoutumance dans la vie en face du Dieu vivant. Tout est neuf, redonné, réoffert sans cesse. On comprend que le peuple de l'exode et de l'exil nous ait transmis ce chant de l'amour jamais habitué et toujours jeune : voilà comment aime le Dieu de L'Alliance, avec cette passion, cette impatience et cette joie.»

e o poder de um *outro amor* que sustentem o mundo e conduz a história: *o amor* capaz de atravessar e superar as sombras de todas as infidelidades e fragilidades humanas.

Por isso, pode dizer-se sem receio, que sem a experiência que o leitor crente tem do *amor de Deus* é impossível a inteligência plena do poema do Cântico dos Cânticos. Porque só o amor entende o amor. Em Jâmnia, no final do séc. I, Rabbi Aqiba, uma grande figura do judaísmo farisaico, conhecia este *amor*. Por isso, no meio de uma acesa disputa judaica sobre a sacralidade do Livro do Cântico dos Cânticos, ele ergueu um testemunho que o tempo nunca apagará: *‘Que jamais alguém, em Israel, conteste e diga que o Cântico dos Cânticos mancha as mãos. Porque o mundo inteiro não é digno do dia em que o Cântico dos Cânticos foi dado a Israel. Na verdade, todas as Escrituras são santas, mas o Cântico dos Cânticos é o Santo dos Santos’*.

Também, por isso, o desejo de estabelecer uma intertextualidade com o Cântico dos Cânticos encontra um eco nos mandamentos do amor excelente: *Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças* (Dt 6,9); *É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos* (Jo 15,12-13). *Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim* (Jo 17,23).

Experimentem ler e verão que é a própria linguagem arrebatadora do Cântico que nos impele a pedir que *as suas palavras nos beijem*; que *estas palavras e não outras* abençoem a nossa capacidade de crer e amar a Deus e ao próximo, com a sua espantosa e inaudita perceção do *amor e da relação humana* como o lugar mais próximo e mais íntimo de Deus. Experimentem ler demoradamente e sentirão o encanto e a urgência de colocar estas palavras como *um selo na mão* do que em nós é mais profundamente humano. É ali que as palavras do Cântico nos lembrarão que *só viveremos se formos capazes de nos expormos e de abraçarmos o amor que é mais forte do que morte* (Ct 8,6).

